

CHRYS CHRYSTELLO

Chrys Chrystello não só acredita em multiculturalismo, como é um exemplo vivo do mesmo pela sua multiétnica ascendência familiar. Durante muitos anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias governamentais (federais e estaduais) que definiram a política oficial multicultural daquele país. Esteve em Timor (1973-1975) onde foi Editor-Chefe do jornal local "A Voz de Timor" antes da invasão indonésia. Publicou "**Crônicas do Quotidiano Inútil** (vol. 1, poesia 1972)" e um Ensaio Político sobre Timor (76) antes de desempenhar funções executivas como Economista na CEM -Companhia de Eletricidade de Macau. Depois, radicar-se-ia em Sydney (e mais tarde em Melbourne) como cidadão australiano. Desde 1967 dedicou-se sempre ao jornalismo político em rádio, televisão e imprensa escrita. Como Correspondente Estrangeiro trabalhou para as agências de notícias portuguesas ANOP/NP/LUSA, para a TVB de Hong Kong e RTP, para rádio RDP, Rádio Comercial, ERM/TDM-RTP (Macau), para o Jornal de Notícias, Primeiro de janeiro, sábado, Europeu e Público (sendo um dos honrosos fundadores do jornal), sendo publicado no AJA's Journalist da Associação Australiana de Jornalistas e Maritime Union, além de ter feito pesquisas e escrito documentários para TV australiana (relativamente a Timor Leste). De 1976 a 1996 escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga. Na Austrália trabalhou como Jornalista¹ e Tradutor e Intérprete². Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor, e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (herdado quatro séculos antes) e divulgou a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses em 1522. Membro Fundador do AUSIT³ e Examinador da NAATI⁴ desde 1984, Chrys lecionou na Universidade UTS, Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes. Com quase três décadas de experiência em Tradução e Interpretação, já publicou inúmeros trabalhos científicos e apresentou temas de linguística em conferências na Austrália, Hong Kong, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, etc. Em 1999, publicou a sua tese de Mestrado "**East Timor: the secret file 1973-1975 / Timor Leste: o dossier secreto 1973-1975**", a que se seguiu em e-book a monografia **Crônicas Austrais 1976-1996**. Responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Intérpretes na Austrália durante mais de vinte anos, foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS⁵, sendo atualmente Mentor dos finalistas de Literatura da ACL⁶ da University of Brighton no Reino Unido, e Revisor⁷ da Helsinki University. Organiza desde 2001/02 os 6 Colóquios Anuais da Lusofonia (agora com o Prémio Literário da Lusofonia da CMB instituído em 2007) e desde 2005/06 organiza os 3 Encontros Açorianos da Lusofonia. Em 2005 publicou o **Cancioneiro Transmontano 2005**, e publicou (e-book) outro volume para a história de Timor "**Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter**" (mais de 2600 páginas, CD edição de autor). Atualmente labuta no volume "**Crônicas Açores 2005-2008**". Em 2007, traduziu obras de autores açorianos para Inglês, nomeadamente de Daniel de Sá "**Santa Maria Ilha-Mãe**", "**O Pastor das Casas Mortas**" e em 2008 de Manuel Serpa "**Da Pedra se fez vinho**" (Vinhas do Pico) e de Victor Rui Dores "**Ilhas do Triângulo, coração dos Açores (numa viagem com Jacques Brel)**".

Do genocídio linguístico à literatura açoriana (e a Daniel de Sá)

Chrys Chrystello

O número de línguas está a diminuir drasticamente. Trata-se de genocídio linguístico: as línguas são sistematicamente abatidas. Os países ocidentais têm silenciado centenas de línguas. Algumas podem ter já desaparecido sem que ninguém se tenha apercebido da sua extinção. Metade delas desaparecerá até ao fim do século. A tradição oral preserva formas verbais e não-verbais. A História australiana não nos diz qual o papel desempenhado pelos intérpretes e nativos vital para o desenvolvimento da colónia. Embora tenham características únicas, os dialetos dos arquipélagos atlânticos dos Açores e Madeira podem, agrupar-se nos dialetos meridionais. "O debate académico em torno da expressão «literatura açoriana», é antigo, nada causava tantos embaraços como falar em literatura açoriana. Hoje, é questão arrumada. A Universidade de Brown tem uma cadeira de Literatura Açoriana. Recentemente tive a honra e o privilégio de ter de aprender as idiosincrasias micaelenses e do triângulo quando traduzi obras de Daniel de Sá, Manuel Serpa e Vítor Rui Dores. Trata-se de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando na sua essência até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. No plano da linguagem, o Autor dá-se ao luxo de exportar, por efeitos de mimética, para a Beira Alta, o seu herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados por entre o pastoreio, numa verdadeira apologia da solidão física e mental. Existe uma interdependência do autor, dos personagens e do leitor que nos levou a ver e rever dezenas de vezes, uma só passagem do livro para lhe darmos o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia das prosas. O resultado é rico, denso e tenso, enovelando em diálogos simples e curtos um

¹ Ministério do Emprego, Educação e Formação Profissional e para o Ministério da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários

² Ministério da Imigração e para o Ministério Estadual de Saúde de Nova Gales do Sul.

³ Australian Institute for Translators and Interpreters

⁴ National Authority for the Accreditation of Translators and Interpreters

⁵ Universidade de Tecnologia de Sydney

⁶ Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute

⁷ Translation Studies Department

enredo que nos prende da primeira à última página e me levou a interrogar como é fiquei órfão intelectual ao traduzir o livro. ... Sinto uma síndrome de Estocolmo, fiquei cativo e apaixonei-me pelos captivos...e agora? As línguas têm de ser mantidas, tratadas e estimadas. Elas não dividem países, a intolerância sim. A sobrevivência dos idiomas neste século depende de todos nós⁸, pelo que devemos aproveitar as novas tecnologias para *também descobrir esta nossa rica cultura açoriana.*”

1. Genocídio linguístico

A **Linguística** é o estudo científico da linguagem verbal humana. Um linguista é o que se dedica a esse estudo. A pesquisa linguística é feita por muitos especialistas que não concordam harmoniosamente sobre o seu conteúdo. Russ Rymer⁹ disse, ironicamente: *"A Linguística é a parte do conhecimento mais fortemente debatida no mundo académico. Ela está encharcada com o sangue de poetas, teólogos, filósofos, filólogos, psicólogos, biólogos e neurologistas além de também ter um pouco de sangue proveniente de gramáticos"*.

Como linguista quero falar-vos hoje do número de línguas atualmente faladas em todo o mundo que está a diminuir drasticamente, não por acidente ou por morte natural. Trata-se de genocídio linguístico facto que sucede quando as línguas são sistematicamente abatidas tal como acontece no caso do genocídio físico.

Nos meios académicos encontram-se facilmente aqueles que simultaneamente promovem e destroem a diversidade linguística. Há mesmo quem ainda hoje negue a existência de línguas tais como a gestual – que tradicionalmente foi sempre menosprezada – enquanto outros Darwinistas linguísticos proclamam alto e bom som que as línguas mundiais mais faladas, como o inglês são suficientemente poderosas e mais bem preparadas para a comunicação internacional global.

Quando falamos de direitos linguísticos podemos falar de Direitos Humanos Linguísticos nos quais se incorporam os direitos humanos básicos e aquilo que Skutnabb-Kangas denomina *"os direitos necessários, apoiando a identidade com a língua-mãe e, a nível coletivo, permitindo a existência de grupos e a reprodução da sua língua e cultura. Quando é negada a identidade associada ao uso dum língua própria e os indivíduos e grupos são "psicologicamente" transferidos para outro grupo existem graves danos psicológicos."*¹⁰

Os países ocidentais têm contribuído para silenciar centenas de línguas. A última edição do "Ethnologue Languages Of The World 2005"¹¹, afirma existirem 6 912 línguas em todo o mundo. Dessas, 5% (cinco por cento = 347) têm pelo menos um milhão de falantes e representam 94% da população mundial. Todas as outras (95% do total) são faladas por uns meros 6% da população mundial. Há dez anos havia 420 línguas **quase extintas**, e esse número subiu agora para 516:

- **África** (46)
- **Américas** (170)
- **Ásia** (78)

8 <http://www.why.org/91FM/radiotimes.html> The work of David Harrison and Gregory Anderson is the subject of a new film, which was screened at Sundance, "The Linguist." The film tells the story of their travels and research around the globe to document endangered languages. Both are affiliated with the "Living Tongues Institute for Endangered Languages."

9 http://pt.wikipedia.org/wiki/Russ_Rymer

10 "...necessary rights, supporting identity with the mother tongue and, on a collective level, allowing groups to exist and reproduce their language and culture. Serious psychological damage is done when the identity associated with use of one's own language is denied, and individuals and groups are 'psychologically' transferred to another group."

11 Gordon, Raymond G., Jr. (ed.), 2005. Ethnologue: Languages of the World, Fifteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International.: <http://www.ethnologue.com/> . http://www.ethnologue.com/nearly_extinct.asp

- Europa (12)
 - Pacífico (210)
- Total: 516

Algumas destas, podem até ter já desaparecido sem que ninguém se tenha apercebido da sua extinção. Duas centenas e meia delas eram apenas faladas por dez ou menos pessoas, na altura em que estes dados foram coligidos. Por exemplo, a língua “*evak*” nativa do noroeste do Alasca tinha apenas uma falante cuja morte foi recentemente noticiada. Antes de morrer, colaborou com a Universidade do Alasca para a elaboração de um dicionário e, assim, ao contrário de muitas outras línguas que apenas existem na cabeça dos anciãos esta pode não ter morrido com a sua última falante.

A maioria das línguas em risco de extinção não consta de dicionários ou de gramáticas. Em África existem quase 2400 línguas (35% do total), na Ásia 2000, Australásia (Oceânia 1200), Américas (1000) e Europa (200). Apenas 15 países têm só uma língua (Bielorrússia, Bermudas, Bósnia-Herzegovina, Cuba, Coreia do Norte, Maldivas, Turquemenistão e Vaticano)¹². Os autores Nettle e Romaine¹³ afirmam que “*Quase cem das línguas nativas originalmente faladas na Califórnia estão extintas e pelo menos, metade das línguas faladas em todo o mundo podem desaparecer neste século.*” Para tornar mais explícito o elo entre a sobrevivência linguística e os assuntos ambientais, estes autores arguem “*A extinção linguística faz parte do colapso quase total dos ecossistemas mundiais.*”

As batalhas para preservar os preciosos recursos ambientais – tais como as florestas tropicais – não podem nem devem separadas da luta para manter a diversidade cultural, e as causas da morte das línguas que à semelhança da destruição ecológica assenta na interligação entre a ecologia e a política. A todos os níveis, existe um desconhecimento profundo sobre as línguas – desde o seu número e tamanho, aos seus nomes e locais onde são faladas. Embora a ameaça à diversidade linguística seja maior que a ameaça à biodiversidade¹⁴, existem causas indiretas entre o solo, clima, ecossistemas, etc., e línguas. Metade das línguas mundiais desaparecerá até ao fim

12

Indonésia	694 línguas (9,5% do total),
PNG (Papua Nova-Guiné)	673
Nigéria	455
Índia	337
Camarões	247
Austrália	226
Rep. Dem. Do Congo	206
México	188
China	186
EUA	165
Brasil	150
Vanuatu	104
Rússia	90
Angola	37
Moçambique	35
Itália	30
Turquia	30
França	27
Alemanha	22
Guiné-Bissau	15
Espanha	13
S. Tomé e Príncipe	4
Macau	3
Cabo Verde	2
Timor-Leste (talvez 36)	não consta desta lista

13 Daniell Nettle & Suzanne Romaine, *Vanishing Voices: The Extinction of the World's languages* Oxford University Press 2000

14 Skutnabb-Kangas, Tove, (2000) *Linguistic Genocide in Education or Worldwide Diversity and Human Rights'*, Mahwah, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 785 pages, paperback

deste século, e entre 80 a 90 por cento¹⁵ desaparecerá nos próximos duzentos anos. Em números concretos, em cada quinzena, morre uma língua.

Os antropólogos lamentam o massacre das línguas: para eles, cada língua e como uma catedral imponente, um objeto de beleza e o produto de um enorme esforço criativo, cheio de ricas tapeçarias do conhecimento.

Não permitiríamos que a Capela Sistina ou que a Mona Lisa desaparecessem sem guardar todos os traços e registo dessas obras-primas, e o mesmo se deve aplicar às línguas. Na Austrália os colonizadores europeus trouxeram, com eles, virulentas pragas e quase exterminaram na totalidade os povos aborígenes das suas próprias terras. No século XX tentaram “civilizar” os aborígenes dando-lhes valores e padrões ocidentais, escolas e vestuário, misturados com Cristianismo e Inglês. Isto foi ainda mais notório quando raptaram literalmente uma em cada dez crianças aborígenes para as forçarem a assimilar, pela força, os valores da sociedade branca¹⁶.

De igual modo, nos EUA, os governos obliteraram da face da terra tribos de Índios e forçaram as crianças nativas americanas a frequentarem escolas nas quais era proibido o uso de qualquer língua que não a inglesa. Pensava-se na altura que se estava a fazer um favor aos nativos dado que as outras línguas, as deles, eram obviamente línguas inferiores.

A situação reverteu nas últimas décadas em ambos os países. A Lei Nativa de 1990¹⁷ promove os direitos dos nativos americanos para desenvolverem as suas línguas à custa de alguns subsídios governamentais. Na Austrália, os governos subsidiaram programas de preservação de línguas aborígenes existentes e de promoção daquelas que estavam em vias de extinção. Culturalmente, a Austrália foi colonizada com gente vinda de Inglaterra e de mais 26 países.¹⁸ Quando os primeiros colonos arribaram em 1788 havia 250 línguas aborígenes incorporando cerca de 600 dialetos aborígenes, dos quais sobrevivem, hoje, cerca de 250. Tinham vocabulários complexos descrevendo os intrincados meandros das suas sociedades. Algumas delas tinham mais de dez mil étimos, com terminologias específicas para as cerimónias de iniciação ou para aqueles com quem o contacto devia ser evitado. Alguns casais falavam mais do que um idioma e as pessoas identificavam-se quer pela geografia como pelas línguas.

A tradição oral preservou formas verbais e não-verbais, incluindo danças, canções e pintura. Cada grupo linguístico era uma nação com fronteiras, cultura e regras grupais. Os casamentos intertribais eram a regra para a preservação socioeconómica da identidade do grupo. A História não nos diz qual o papel desempenhado pelos intérpretes e nativos, que foi vital para o desenvolvimento da colónia. Sabemos, por exemplo que o Governador King¹⁹ publicou uma espécie de quadrinhos desenhados nos quais explicava as regras legais e penais da colónia, mas sabe-se que a presença branca extinguiu pessoa e dialetos. Uns e outros foram dizimados quer por mera aniquilação física da população, quer por fatores exógenos como a doença, a deslocação forçada, a proibição de utilização dos seus dialetos, a assimilação forçada, etc.

15 Daniell Nettle and Suzanne Romaine, op cit

16 “Aboriginal Stolen Generation” descrita na peça “Stolen” encomendada pela Companhia de Teatro Ilbjerri Aboriginal and Torres Strait Islander em 1992, e representada no London’s Tricycle Theatre, Julho 4-15, 2000. Originalmente descrita numa célebre canção de Archie Roach em 1987 “Took the children away”.

17 The 1990 Native American Language Act in Newsweek, The Sounds of Silence, p.62-63, June 19,2000

18 Grécia, Itália, Escócia, Gales, Irlanda, Áustria, Canadá, Gibraltar, Holanda, Hungria, Índia, Madagáscar, Maurícias, Polónia, Rússia, Suécia, EUA; Índias Ocidentais, Cabo da Boa Esperança, Dinamarca, Egipto, França, Alemanha, Pérsia, Portugal e Lituânia. (Records of the First Fleet, Jan. 26, 1788.)

19 King, Philip Gidley (1758 - 1808)

Atualmente cerca de 10% da população aborígine australiana fala um dos remanescentes 250 dialetos tribais. Destes, cerca de 160 já desapareceram ou são falados apenas pelos anciãos. Dos restantes 90 dialetos apenas vinte (20) têm uso corrente diário, por novos e velhos, sendo transmitidos para a próxima geração.²⁰ De todos os que sobrevivem, metade deles tem apenas entre 10-100 pessoas capazes de os articularem.²¹ Em 1996, um dos mais brilhantes relatórios governamentais indicava que a nossa diversidade linguística na Austrália era o resultado mais notável da política de emigração seguida a partir da década de 1970. Em 1991, 15% da população australiana falava uma língua que não era inglês. Esse número mais do que duplicou hoje e as línguas comunitárias não param de aumentar enquanto línguas nativas como Karara, Warlpiri, ou Wiradjuri se extinguem.

Mas o campeão da extinção de línguas nativas é o Brasil, segundo o jornal "O Liberal"²² de Belém. Das 1 100 línguas indígenas, apenas 180 sobrevivem após cinco séculos, sendo mais de 80% faladas por índios. Em cinco séculos de ocupação portuguesa, o Brasil perdeu a maior parte das línguas indígenas. O processo de extinção continua. Pelo menos um terço desses idiomas é considerado 'língua quase extinta', ou seja, fadada ao desaparecimento. São idiomas com menos de 100 falantes e com transmissão considerada de alto risco pois não são usadas para a comunicação de pais com filhos. Na Amazônia, agonizam 45 dessas línguas. A maioria não chega a ter dez falantes, todos eles com idade avançada. É o caso de quatro línguas indígenas do Pará como o kuruáya, praticado em Altamira, com três falantes - todos com idade aproximada de 80 anos. Carmen Lúcia Reis Rodrigues, professora de Linguística da Universidade Federal do Pará (UFPA), há 20 anos estuda o xipáya e terminou recentemente um dicionário para evitar a sua extinção. Os xipáyas deixaram de utilizar o seu idioma quando abandonaram a tribo para irem viver na cidade. Hoje, nem um tem fluência no idioma nativo. O principal sinal do fim de uma língua é quando ela deixa de ser ensinada para as novas gerações. No Pará ainda há quatro falantes do idioma anambé, mas já nenhum fala amanayé.

O ano de 2008 foi definido como o Ano Internacional dos Idiomas pela ONU mas esta data passa despercebida porque a extinção das línguas não se sente da mesma forma que uma inflação ou uma depressão económica. O desafio é tentar retardar ao máximo o desaparecimento das línguas em risco com um pequeno número de falantes que não conseguem transmitir. A longo prazo a tendência é a extinção mas convém lembrar que não só as línguas morrem, com elas perde-se um conjunto de hábitos culturais, ancestrais conhecimentos de gerações. Com a sua morte esse conhecimento também fica inacessível. A língua é parte integrante da cultura. Este aspeto cultural é frequentemente negligenciado, dado ter-se em conta apenas a função da comunicação. É através da linguagem que se acede à cultura de um povo, ao seu modo de pensar e de vida, às suas tradições, ao seu saber.

2. As línguas de Portugal

Portugal tem duas línguas oficiais, dentre as sete línguas vivas que segundo o Ethnologue ali são faladas, a saber:

Asturiano [Mais info.](#) *[ast]* 25 039 em Miranda do Douro. *Nome Alternativo:* astur-leonês. *Dialeto:* Asturiano ocidental, Asturiano central (Bable). *Classificação* Indo-europeia, Itálica, Românica, Italo-Occidental, Ocidental, Galo Ibérica, Ibero-romana, Ibérica ocidental, astur-leonês

20 Dr. Annette Schmidt, 1990. os quatro maiores grupos de idiomas sobreviventes têm entre 3 – 4 mil falantes, e as restantes seis línguas têm mil falantes. 15 mil pessoas falam Aborigin Krill e Crioulo das Ilhas Torres.

21 In Aboriginal Australian Encyclopedia, Canberra: Aboriginal Studies Press for the Australian Institute of Aboriginal and Torres Strait Islander Studies, 1994.

22 <http://www.oliberal.com.br/index.htm>

Calo Mais info.	[rmr] 5 000. <i>Nome Alternativo:</i> Calão, Gitano, Romani Ibérico. <i>Dialeto:</i> Calo espanhol, Calão português (Calão, Lusitano-Romani), Calo Catalão, Calo Vasco, Calão Brasileiro. <i>Classificação:</i> Mista, Romani Ibérico
Galego Mais info.	[glg] 15 000 em Trás-os-Montes (1994 SIL). Províncias de Entre-Minho-e-Douro e Trás-os-Montes. <i>Nome Alternativo:</i> Galego, Gallego. <i>Classificação:</i> Indo-europeia, Itálica, Românica, Italo-Occidental, Occidental, Galo Ibérica, Ibero-romana, Ibérica ocidental Português-Galego
Mirandês Mais info.	[mwl] 15 000 (2000). 10 000 Usam-na regularmente, 5 000 usam-na quando regressam à região, sudeste de Trás-os-Montes na fronteira com a Espanha, latitude de Zamora, cidade de Miranda. <i>Nome Alternativo:</i> Mirandesa. <i>Dialeto:</i> Relacionado com Asturiano e Leonês. Provavelmente separados aquando da invasão moura. <i>Classificação:</i> Indo-europeia, Itálica, Românica, Italo-Occidental, Occidental, Galo Ibérica, Ibero-romana, Ibérica ocidental, astur-leonês
Português Mais info.	[ISO 639-3: por] 10 000 000. Falado por 177 457 180. Península Ibérica, Açores, Madeira. Também falado em Andorra, Angola, Antígua e Barbuda, Bélgica, Brasil, Canadá, Cabo Verde, China (Macau), Congo, Timor-Leste, França, Alemanha, Guiné-Bissau, Guiana, Índia, Indonésia, Jamaica, Luxemburgo, Malauí, Moçambique, Namíbia, Oman, Paraguai, São Vicente e Granadinas, São Tomé e Príncipe, África do Sul, Espanha, Suriname, Suíça, Reino Unido, Uruguai, EUA. <i>Dialetos:</i> Beirão, Galego, Madeira-Açores, Estremenho, Português do Brasil. O padrão baseia-se no dialeto Estremenho (Lisboa e Coimbra). <i>Classificação:</i> Indo-europeia, Itálica, Românica, Italo-Occidental, Occidental, Galo Ibérica, Ibero-romana, Ibérica ocidental Português-Galego
Português Gestual Mais info.	[psr] Usada por uma parte dos 8 000 surdos; 1986 Gallaudet Univ. <i>Nome Alternativo:</i> Língua Gestual Portuguesa. <i>Dialeto:</i> Lisboa, Porto. Não deriva da língua portuguesa. Dois dialetos diferentes em duas escolas de surdos em Lisboa e no Porto. Relacionada com a Língua Gestual da Suécia. <i>Classificação:</i> Língua Gestual
Romani, Vlax Mais info.	[rmy] 500 Kalderash. <i>Dialeto:</i> Kalderash. <i>Classificação:</i> Indo-europeia, Indo-iraniana, Indo-Ariana, Zona central, Romani, Vlax

Outras fontes²³ são mais abrangentes e consideram a existência de treze dialetos, a saber:

Meridionais e Centrais – Incluem o da capital, Lisboa, que tem as suas próprias peculiaridades. Embora tenham características únicas, os dialetos dos arquipélagos atlânticos dos Açores e Madeira podem, agrupar-se nos dialetos meridionais.

1 - Açoriano — *Açores*

2 - Alentejano — *Alentejo*

3 - Algarvio — *Algarve* (existe um dialeto pequeno na área ocidental)

5 - Baixo-Beirão; Alto-Alentejano — *Centro de Portugal (interior)*

6 - Beirão — *centro de Portugal*

7 - Estremenho — *Regiões de Coimbra e Lisboa* (podendo subdividir-se em dois: Lisboaeta e Coimbrão)

8 - Madeirense — *Madeira*

11 - Barranquenho - Na vila de Barrancos (em plena fronteira da Estremadura, Andaluzia e Portugal), é um dialeto fortemente influenciado pelo Estremenho e é designado como *Barranquenho*.

Os dialetos nortenhos incluem obviamente o dialeto do Porto.

4 - Alto-Minhoto — *Norte de Braga (interior)*

9 - Nortenho — *Regiões de Braga e Porto*

10 - Transmontano — *Trás-os-Montes*

12 – Mirandês - Um dialeto astur-leonês falado na região de Miranda do Douro, no nordeste de Portugal.

13 – Língua Gestual Portuguesa.

O português beneficiou da globalização. Na internet, o Inglês representava 75% em 1998 e 45% do total em 2007. O português era 0,82% em 1998 e estava em sexto lugar em 2007 com 1,39% de pois de ter atingido 2,25% em 2001. O espanhol com 2,5% em 98, atingiu 5,5 em 2001 e atualmente tem 3,8%. O acordo ortográfico tem a intenção política manifesta de incrementar o "valor de mercado" do português.

²³ http://en.wikipedia.org/wiki/Languages_of_Portugal

David Crystal chama *netspeak*²⁴, à "língua da rede". Segundo Crystal "O crescimento das grandes línguas do mundo funciona como um trator, esmagando os idiomas que se põem no caminho. Isso não é um fenómeno restrito a duas ou três línguas. Não é apenas o inglês que ameaça línguas nativas na Austrália, ou o português que põe em perigo idiomas indígenas no norte do Brasil. O chinês, o russo, o hindí, o suahili – todas as línguas maioritárias ameaçam idiomas de comunidades pequenas. O futuro dessas línguas minoritárias está vinculado a políticas regionais. Nos lugares onde sobrevivem, há uma série de práticas políticas e económicas que valorizam a diversidade. A globalização e a revolução tecnológica da internet originam um "novo mundo linguístico". Entre os seus fenómenos estão as subversões da ortografia presentes nos blogues e nas trocas de correio eletrónico e o aumento no ritmo da extinção de idiomas. Estima-se que em cada quinzena desapareça um. Cresce a consciência de que as línguas bem faladas, protegidas por normas cultas, são ferramentas da cultura e também armas da política, além de serem riquezas económicas. A reforma do português ora em curso vai-se defrontar com um desafio inédito. Outras mudanças foram feitas em situações em que era bem menos intenso o ritmo de entrada de palavras e conceitos na corrente da vida quotidiana. Na era da internet, as línguas, por natureza refratárias a arranjos de gabinete e legislações impostas de cima para baixo, podem comportar-se como potros indomáveis. Quem se preocupará com as novas regras de uso do hífen quando mantém longas e satisfatórias conversações na internet usando apenas interjeições e símbolos gráficos como os consagrados "emoticons" para alegre :-) ou triste :-(. A comunicação escrita tornou-se mais ágil e veloz.²⁵

Em correspondência com o autor²⁶ David Crystal afirmava-nos há alguns anos que " O Português tem um futuro forte e positivo, garantido pela sua extensa população e pela vasta gama de funções da sua expressão, desde a formalidade parlamentar ao samba

²⁴ David Crystal cunhou o termo *netspeak* para designar as formas inéditas de expressão escrita que a internet gerou

²⁵ Entrevista a David Crystal, in revista VEJA – CAPA – 12/09/07

²⁶ Troca de correspondência com o autor em 2001-2002:

David Crystal:

*Thank you for your message. Portuguese, it seems to me, has a very strong and positive future - guaranteed by its extensive population base and the wide range of functions which it expresses, from parliamentary formality to grass-roots samba. At the same time, Portuguese speakers need to recognize that their language will be subject to change - as all languages are - and this process should not be opposed unthinkingly. When I was in Brazil last year, for example, I heard that there was a movement to try to keep English words out of Portuguese. To ban loan words from other languages can be a harmful step, in the development of a language, as it cuts the language off from international trends. English itself has borrowed words from over 350 other languages - including Portuguese - and the result has been an extremely rich and successful language. Portuguese has the strength to assimilate loan words from English or any other language, and still retain its distinctive identity. I would also hope that the ongoing development of Portuguese would be part of a multilingual ethos for the countries where it is spoken, so that indigenous languages are respected and supported. In the case of Brazil, this is critical, given the perilous state of so many Indian languages. I hope these observations are of some assistance to you in your work. Loan words do change a language's character, but they don't as such cause it to deteriorate. The best evidence of all is, of course, English itself, which has borrowed more words from other languages than any other language in the world - and look at what has happened to English! In fact, about 80% of English vocabulary is not Anglo-Saxon in character but comes from Romance and Classical origins - including Portuguese. (It's ironic that some of the words which the French, for example, are currently trying to ban, came from French and Latin in the first place!) You have to look at what happens, when words enter a language. In the case of English, we have such triplets as kingly (from Anglo-Saxon), royal (from French) and regal (from Latin). Now that we have all three, the language is much richer, because there are now all kinds of stylistic nuances which would not otherwise have been possible. Loanwords increase a language's richness of expression. No attempt to keep loanwords out of a language has ever succeeded. Languages can't be put under control. No academy has ever stopped languages changing. All this is very different from the situation of endangered languages, as I discuss for example in my book, *Language Death*. If languages are borrowing words, it shows they are alive to social change and trying to keep pace with it. It is a healthy sign, if the loan words supplement and don't replace local equivalents (as in the English example above). What is worrying is if a dominant language begins to take over the functions of a less dominant language - for example, if you found English being used as the language of higher education when previously Portuguese was used. That is where legislation can help, by introducing various protective measures, supporting broadcasting in the minority language, and so on. There does need to be a policy, especially in a world where things are changing so fast, and this policy has to address the core issues, which are all to do with the functions of multilingualism. It must also be remembered that English is not alone in its displacement of other languages. In Brazil, hundreds of Indian languages have not been displaced by English - but by Portuguese. And all major languages - Spanish, Chinese, Russian, Arabic ... have affected minority languages in this way. Hope these remarks help. Professor David Crystal*

popular. Simultaneamente os falantes de Português precisam de reconhecer está sujeita a mudanças – como todas as línguas – e não nos podemos opor impensadamente a esse processo. No Brasil ouvi falar dum movimento para manter os anglicismos fora da língua portuguesa. Banir palavras de empréstimo pode causar danos no desenvolvimento duma língua dado que a afasta das tendências universais. O Inglês tomou de empréstimo palavras de mais de 350 línguas – incluindo o Português o que se traduziu numa língua extremamente bem-sucedida e rica. O Português tem, a força de assimilação quer do inglês como doutros idiomas e com isso não perderá a sua característica identitária distinta. Espero que o desenvolvimento da língua portuguesa faça parte duma ética multilíngue nos países em que é falado a fim de que as línguas indígenas sejam respeitadas e apoiadas, o que no caso do Brasil é crítico dado o estado das línguas índias nativas."

3. Da literatura açoriana traduzida a Daniel de Sá

Deixando de lado estas classificações o que nos interessa aqui é lembrar que "o debate académico em torno da expressão «literatura açoriana» é antigo – e chegou a contaminar ao longo dos anos 80 os próprios autores, quando estes se reuniam em encontros, congressos e simpósios construindo lentamente a intensa rede de amizades, afinidades intelectuais e intertextualidades que hoje marca o grupo. Onésimo escreveu dois livros e coordenou outro em torno do assunto, a saber: *A Questão da Literatura Açoriana (1983)*, *Da Literatura Açoriana – Subsídios para Um Balanço (1986)* e *Açores, Açorianos, Açorianidade (1989)*. Nesses anos, falava-se em artesanato açoriano, folclore açoriano, até cultura açoriana – mas nada causava tantos embaraços como falar em literatura açoriana.

O problema colocou-se primeiro por razões políticas. Em 1975, três anos antes de morrer, Vitorino Nemésio deixara-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), movimento independentista hoje formalmente extinto, como candidato a Presidente da futura República – e, ao longo dos anos seguintes, e contra a vontade da maioria dos autores, os separatistas que ainda restavam no arquipélago insistiram em usar a literatura das ilhas como um dos sinais da identidade nacional destas.

Depois, vieram modas e tendências. Hoje, é questão arrumada para a maioria dos autores. Cristóvão de Aguiar contesta o uso da expressão, outros agarram-se a ela com ambas as mãos, um terceiro grupo olha-a com bonomia e cita Wittgenstein para explicar que se trata sobretudo de uma expressão útil – já não é uma questão central, no fundo. Se há literatura cabo-verdiana ou literatura são-tomense, contestar a existência de uma literatura açoriana é sinal de um «*um restinho de Inquisição*», diz Onésimo.

«*É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa*», diz Eduardo Bettencourt Pinto, 51 anos, um angolano que se tornou «escritor açoriano» por escolha própria e que já publicou no Campo das Letras o seu mais recente romance, *A Casa das Rugas (2004)*. Feitas as contas, o que prevalece é a opinião de Pedro da Silveira, poeta da ilha das Flores (1922-2003) e autor, entre outros, de *A Ilha e o Mundo (1953)*: «A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Apenas precisa, o que é diferente, de sair do gueto que lhe tem sido a sina», escreveu na entrada «*Açores*» do Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado em 1977 por João José Cochofel para a Iniciativas Editoriais. A verdade é que, lentamente, os escritores foram encontrando o seu espaço²⁷.

²⁷ <http://joelneto.blogspot.com/2005/12/reportagem-literatura-que-farei.html> Joel Neto.

A Universidade de Brown tem há anos uma cadeira chamada Literatura Açoriana – e na Universidade dos Açores, Urbano Bettencourt ministrava o curso de literatura açoriana (enquanto unidade curricular das licenciaturas) com a duração de dois semestres; havendo outro curso, "*Portugal atlântico e a açorianidade*" que era um módulo de 10 horas integrado nos Cursos de verão da Universidade. O próprio Urbano nos declarava há dias que de momento não sabe se, "*para lá do que o Onésimo leciona na Brown, existem outros cursos de iniciação à Literatura açoriana; na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o Assis Brasil orienta um curso de literatura açoriana mas já em pós-graduação. Há, no entanto, trabalhos e projetos aqui e ali; em França está a ser desenvolvido um projeto de doutoramento sobre o suplemento literário "Glacial" (Angra do Heroísmo, 1967-1973). O programa da disciplina de 2002²⁸ não se alterou desde então, apenas se atualizou a bibliografia crítica e foi variando o leque das obras obrigatórias, embora mantendo o *Mau Tempo no Canal*. Os trabalhos individuais dos alunos permitiam abordar as obras de autores mais recentes e que aparecem na bibliografia fornecida.*"

Podíamos citar dezenas de outros autores relevantes²⁹.

Eu sou um recém-chegado a estas ilhas com menos de três anos de aprendizagem mas tive a honra e o privilégio de aprender as idiossincrasias micalenses e picoenses quando recentemente traduzi as últimas obras de Daniel de Sá e de Manuel Serpa. Deparei-me com noções etimologicamente novas contrastando com o uso ancestral que o Português do continente lhes apõe nos dicionários. Trata-se aqui de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando na sua essência até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. Muitas vezes a obra dum autor sofre drasticamente quando, em vez de ser tomada apenas como obra, é erigida ao estatuto regionalista, que não pretendeu para si própria.

Podem deduzir-se da leitura destes autores, algumas características relevantes para a açorianidade:

1. O modo como o clima inculca um caráter de torpor e de lentidão em que a pressa é amiga da morte;
2. O modo como a História define os habitantes deste arquipélago ainda hoje quase tão afastados da metrópole como há séculos atrás;
3. A forma como se recortam todos os estratos sociais: vincadamente feudais apesar do humanismo que a revolução dos cravos alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;
4. O modo como a proximidade da terra se manifesta ainda de forma sobrejacente fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.

Neste universo tão idílico não busquei - ao traduzir essas obras - a essência do ser açoriano, que de certeza existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra, se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se continuam a impor condicionando a presença humana, para assim evidenciar a sua diferença específica, neste caso a açorianidade? Estando a açorianidade presente num escritor, explicá-lo é tarefa para estudos mais complexos do que a mera atividade de

²⁸ Ver Anexo I

²⁹ Adelaide Baptista, Álamo Oliveira, Daniel de Sá, Dias de Melo, Eduardo Bettencourt Pinto, Urbano Bettencourt, Pedro da Silveira, Eduíno de Jesus, Carlos Wallenstein, Santos Barros, Martins Garcia, Emanuel Félix, Natália Correia, João de Melo, Maria Luísa Soares, Cristóvão de Aguiar, Eduardo Jorge Brum, Judite Jorge, Rui Machado, Mário Cabral, Nuno Costa Santos, Luís Filipe Borges, Alexandre Borges, Tiago Prenda Rodrigues, Emanuel Jorge Botelho, Fernando Aires, Ivo Machado, Norberto Ávila, Onésimo Teotónio de Almeida, Vamberto de Freitas ou Victor Rui Dóres, Frank X. Gaspar ou Katherine Vaz (entre muitos outros), e no passado Gaspar Frutuoso (século XVI) Vitorino Nemésio (séc. XX), Antero de Quental (séc. XIX), Roberto de Mesquita (sécs. XIX e XX), Armando Côrtes-Rodrigues (séc. XX) in <http://joelneto.blogspot.com/2005/12/reportagem-literatura-que-farei.html> Joel Neto.

um tradutor, por mais empenhado ou apaixonado que este possa estar pelo objeto da sua tradução.

A existência, ou não, de literatura açoriana não passa, necessariamente, pela existência desta açorianidade³⁰. Natural da ilha das Flores, Pedro da Silveira (1923-2003) captou "*as mundividências açorianas*", abrangendo na sua poesia "*as inquietações e os sonhos de gente viva de todas as partilhas e um verdadeiro compromisso social*", enquanto eu apenas tive a oportunidade de captar uma fotografia da alma dos escritores que traduzi.

Luiz Antonio de Assis Brasil³¹ analisou a obra de Daniel de Sá³² e em especial à narrativa de ficção, que revela facetas da identidade insular, em especial da ilha de origem.

"Coloca-se assim a evasão como um destino ao qual o açoriano se entrega com a fatalidade do cumprimento de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo da volta. Quando acontece, essa volta nunca é satisfatória: o emigrado jamais poderá deixar de ser americano, e mesmo que construa uma casa suntuosa em sua freguesia original, contribua para a igreja e participe das festas coletivas, todos lhe conhecem a história. Intentando uma análise mais ampla, percebemos quanto os componentes tradicionais da literatura açoriana estão presentes nessa obra: a sensação de estar-se numa prisão, o desejo de evadir-se, a saudade a roer os calcanhares, a estreiteza do ambiente insular, a desconfiança das terras estrangeiras. Daniel de Sá³³ mostra-nos uma outra realidade: aqui já não há quem abandone a ilha, mas todos são prisioneiros desse cárcere que se circunda de infinitude por todos os lados. O título, grafado no singular, o é naquele sentido antigo: então temos crónicas, onze no total, que tratam dos teres e haveres açorianos, nomeadamente da ilha de São Miguel, mas cujos interesses vão além."

No plano da linguagem, o Autor do livro "*O Pastor das Casa Mortas*" (edição VerAçor 2007) dá-se ao luxo de exportar, por efeitos de mimética, para uma das regiões mais interiores e montanhosas de Portugal, a Beira Alta, o seu herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados por entre o pastoreio numa verdadeira apologia da solidão física e mental que é o retrato de Manuel Cordovão esse lusitano de um amor só para toda a vida. Como o autor diz a começar trata-se de um livro dedicado "*Às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal.*"

A narrativa utilizando terminologia não insular acaba por poder ser lida como uma ode ao açoriano isolado de si e do mundo, neste amor perdido que se encontra apenas quando Caronte ronda. Como diz o autor "*Embora eu vivesse numa ilha pequenina, a cinco minutos de um passeio calmo até ao aeroporto de quase todas as companhias aéreas que havia no Mundo, isso para o caso pouco importa!* Aliás esta transposição da naturalidade geográfica do personagem deixa-nos permanentemente na dúvida se a Teresa do "*Pastor*" não será irmã gémea da personagem feminina que acompanha os seus passos na digressão por "Santa Maria: a Ilha-Mãe". Em ambas as obras "*as palavras [são] tratadas suavemente, amenizando as arestas da fonética, como se com elas não pudesse nunca ofender-se alguém.*"

Trata-se de uma visita não ao "*despovoamento das ilhas*" mas ao despovoamento do país real, montanhoso, interior e árduo de Portugal. Aqui não se resgata o imaginário

³⁰ <http://www.revista.agulha.nom.br/MACHADO%20PIRES.pdf> página 4, Mário Cabral em MACHADO PIRES, A.M.B., Vitorino Nemésio: *Rouxinol e Mocho*, Praia da Vitória: Câmara Municipal Praia da Vitória, 1998, 92 pp

³¹ http://www.geocities.com/ail_br/discussaodaidentidadeacoriana.html

³² Sá, Daniel de. *Ilha grande fechada*. Lisboa: Salamandra, 1992.

³³ Sá, Daniel de. *Crónica do despovoamento das Ilhas*. Lisboa: Salamandra, 1995.

coletivo naquilo que tem de mais genuíno e identificador, antes pelo contrário, se dá a palavra a uma erudição improvável de um apascentador de cabras. Aqui não há a memória plural, que vem de Gaspar Frutuoso, mas sim uma ficcionalização dum fenómeno que não se mimetiza apenas nesta digressão pela Beira Alta. As *Casas Mortas* são-nos apresentadas como um resultado inevitável e inelutável ao longo da vida do personagem principal, sem que a sátira ou o humor permeiem a couraça de convicções de Manuel Cordovão. Existe uma interdependência do autor, dos personagens e do leitor que nos levou a ver e rever dezenas de vezes, uma só passagem do livro para lhe darmos o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia das prosas. De início pensei que seria ocasião única, mas rapidamente me apercebi de que era recorrente à totalidade da obra ficcionada.

O resultado é uma prosa rica, densa e tensa, enovelando em diálogos simples e curtos um enredo que nos prende da primeira à última página e me levou a interrogar como é que fiquei órfão intelectual desde que acabei de traduzir o livro. As suas personagens e a sua escrita fazem de tal modo parte da minha vida que sinto uma espécie de síndrome de Estocolmo, fiquei cativo e apaixonei-me pelos captivos...e agora, como vai ser?

Já o outro livro intitulado "*Santa Maria Ilha-Mãe*" (também editado pela VerAçor em 2007) é uma viagem ao passado, permeada de nostalgia quase lírica e pela magia da infância e das suas cores simples mas bem nítidas. Fala-se de como os Açores conviveram com o isolamento ao longo dos séculos, dos ataques de piratas, uma ameaça constante a inculcar ainda mais vincadamente as crenças de origem religiosa — numa ilha que felizmente não foi muito assolada por terramotos nem explosões piroclásticas. Essa *mundividência*, leva-nos naquilo que pode ser considerado o mais interessante guia ou roteiro turístico jamais escrito.

O próprio título gerou controvérsia, quer na versão portuguesa quer inglesa (*Santa Maria: Ilha-Mãe; Santa Maria, Island Mother*), ou como o próprio autor notaria: "*Não se trata de "mãe" com valor de adjetivo, mas sim de dois substantivos, tanto mais que os liguei com hífen em Português. Como bem entendeu, uma ilha que é mãe também. Não é o caso de Ilha Verde, por exemplo...*"

Diz-nos Daniel de Sá "*O Clube Asas do Atlântico era um dos meus quatro lugares míticos. Os outros três, também sagrado um deles, eram a capela de Nossa Senhora do Ar, o Externato e o Atlântida Cine. Ainda hoje recordo exatamente o seu cheiro*" e todos nós - ao lê-lo - sentimos com ele, os cheiros, as cores e as toadas que nos descreve.

Estes dois livros pertencem a um mesmo tempo, em que "*falar do passado açoriano é, também, falar do seu presente, e referir-se ao presente é remeter inapelavelmente ao passado, o que mostra a unidade e a solidez de propósitos do livro*", como diria Assis Brasil, referindo-se ao notável e quase único traço constante de profundo humanismo que informa os textos. Todas as suas personagens, são de tal forma credíveis que nos sentimos transportados ao local e vivemos partilhando os sentimentos dos interlocutores.

Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald, "*A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte.*"³⁴

³⁴ "Translation, like writing, is both art and craft, with a touch of alchemy. When translator and author actually get to meet, the result can be inspired. Nuance is what translates language into art." Ann-Marie is a Toronto-based writer and actor. She has received accolades for her playwriting, acting and writing. Her play Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet) won the Governor General's Award for Drama, the Chalmers Award for Outstanding Play and the

A tradução do livro de Manuel Serpa "*Da pedra se fez vinho/When rock became wine*" foi outro exercício inesquecível. Apesar da ajuda de vários conterrâneos do autor houve ocasiões em que as explicações à guisa de glossário se sobrepunham umas às outras, aumentando as já profusas notas de tradutor. Tudo isto porque para um mero leitor do continente o texto seria incompreensível, ou seja, era necessário haver mesmo uma intertradução, do falar picoense para o falar continental, antes de ser vertido num inglês pouco shakespeariano. Criou-se involuntariamente um novo glossário a adicionar à Diciopédia Contrastiva da Língua Portuguesa que estes Colóquios estão a inventariar desde o ano passado. Vejamos algumas dessas notas e respetiva tradução:

Translator's Notes:

Picaroto is what you call a person from Pico.

Pique, a pickaxe.

Luva, gloves made of ox or pig leather to protect against brambles.

Foicinho, abbreviation for *foice* (scythe) is a short-handled scythe.

After a certain altitude on the rocky hills, there was the need to clean up the rocks. Since there were too many of these, even after building up the delimitating walls, they created "*marroços*". The rocks were laid one on top of the other, in steps or ramps, enabling people to carry stones for the upper levels that ended up sometimes in a conic conglomerate of stone.

Curral, pl *currais*, stone-walled plots where wine grows. The area in the *canada* between two contiguous *traveses* was called *curral*.

Canada is a narrow track or pathway allowing access to the *currais*.

Traveses or *traveses*, transversal walls or partition wall on the vineyard. The space in the *Canada* between two contiguous *traveses* was called *curral*.

Jarões (*girões*), the grouping of all *canadas* were called *jarões* or *girões* adding up to the entire vineyard.

Portais literally portals, made of loose lava stone, which could be torn down whenever need.

Bocainas passage, where tracks or passageways converge.

Acaculados in the original, from *acacular* (Brazilian terminology) – Fill up, overfill. The basket of grapes overfilled in conic form or helmet (in the original sense of *caculo* or *cuculo*), is a sign of wealth (even the bottom was filled up with leaves...).

Cestos de asa, are grape carrying baskets with side handles.

Feitor is a foreman in charge of the vineyards.

vinho passado is a wine past its prime that smells mouldy or tastes to vinegar, somewhat repulsively. However, in Pico, the "*passado*", not being rare, entered the specialty scale and was obtained by allowing the grapes to reach the state of raisins, intentionally, being harvested long after harvesting time.

The original text creates a new verb "*moirar*" meaning working like a Moor, in the sense of slave work.

Pastel in Portuguese, Woad (*Isatis tinctoria*) was important as a source of a blue dye. Pastel dyers woad and canary moss or "*urzela*" were exported to Flanders and other European countries.

"*Salto*" immigration, literally meaning "jump immigration" as it has been widely known, is the name given to all Portuguese who illegally crossed borders or moved to other countries to escape their fate.

Canadian Authors' Association Award for Drama. She won a Gemini Award for her role in the film *Where the Spirit Lives* and was nominated for a Genie for her role in *I've Heard the Mermaids Singing*. Her first novel, *Fall On Your Knees*, was published in 1995 to much critical acclaim in Canada and abroad. Her latest book, *The Way the Crow Flies*, was shortlisted for both the Giller Prize and Governor General's Award.
http://www.banffcentre.ca/programs/93_words/2007/biltc/past_programs.aspx

"*Engajadores*" Illegal immigration agents or human traffickers who conned potential emigrants, taking their money and promising them to land and work on a foreign country.

"*Vinho Americano*" Hybrid red-wine grape that is the result of a cross between *Vitis Labrusca* and *Vitis Vinifera*. It can be vinified into rosé wine. Isabella has an unattractive FOXY character. It's also known as Americano and Bellina.

Ermida pl *Ermidas*, are privately built small churches or chapels which in Pico always.

Rilheiras, name given by the locals to the indentation on the basaltic lava rock created by the wheels of the ox carts, after numerous trips carrying the grapes to the cellars.

Rola-pipas literally rolling-casks or rolling-barrels, are the coastal rocks carved as ramps so that the wine barrels could roll down to the boats or ships which would carry them to the world.

"*Poços de Maré*" – literally tidal wells that were built due to the shortage of water.

Froca/froca de angrim from the English frock, meaning a sheepskin coat or frock.

Albarcas corruption of the word *alparca*, *alparcata*, *alpargata*, *alpercata*, all meaning a type of cheap sandal used in rural areas.

Saudade, pl *saudades* (pron. [seu'dad(+)]) in European Portuguese, Portuguese/Galician word for a feeling of longing for something that one is fond of, which is gone, but might return in a distant future. It often carries a fatalist tone and a repressed knowledge that the object of longing might never return. *Saudade* has no direct English translation; its translation is dependent on context. It originates from the Latin word *solitatem* (loneliness, solitude), but developed a different meaning. Loneliness in Portuguese is *solidão* (a semi-learned word), from Latin *solitudo*. Few languages in the world have a word with such meaning, making it a distinct mark of Portuguese culture. It has been said that this, more than anything else, represents what it is to be Portuguese.

Lapilli is a size classification term for tephra, which is material that falls out of the air during a volcanic eruption.

David Crystal³⁵ sempre salientou que a língua inglesa "*tinha substituído muitos idiomas nativos como o Cambriano ou Câmbrico, Cornualhês, Norn e o galês Manx, embora esteja nas últimas décadas a ser ela mesma substituída pela sua variante norte-americana*". Ao ler trabalhos na língua original da autoria do português **Saramago**, do colombiano **García Marquéz**, do egípcio **Naguib Mahfouz**³⁶, uma pessoa deve ser sempre humilde em relação aos nossos colegas **tradutores**, capazes de penetrarem até às mais recônditas minudências das línguas de origem e transformarem-nas nas mesmas tonalidades na nossa língua de leitura. Foi isso que tentei fazer ao descobrir a Açorianidade da língua e cultura destes autores que ora traduzi e que me permitem afirmar sem sombra de dúvidas que a literatura açoriana está viva, de boa saúde e recomenda-se.

Não posso porém senão lamentar, que parte dos editores portugueses continue infelizmente a preferir o trabalho fácil, rápido, barato e pouco profissional de tantos aprendizes de feiticeiro tradutor. Cito um velho exemplo (datado de 1998) do jornal *The Boston Globe*, em que as vendas de um '**depilador**' na Rússia tinham sido objeto de uma promoção como sendo um '**tónico capilar**' para desespero de todos os recém transformados em carecas. Outros exemplos estrangeiros abundam como o da água mineral "*Blue Water*" anunciada em Ucrainiano como "**bluvota**" [**vómito**] ou ainda o anúncio do champô "**Wash and Go**" que em Russo soa a '**vosh**' ou **piolho**. Admitamos que traduções semelhantes em português são infelizmente correntes em

³⁵ Cambridge Encyclopedia of the English Language, David Crystal [Cambridge University Press](https://doi.org/10.1017/C9780521530334) ISBN 0521530334

³⁶ Nem sequer metade das suas obras foram traduzidas para Português (apenas 4 livros...).

material promocional do arquipélago como aconteceu há poucos anos com o belo livro turístico promocional intitulado "Triângulo Dourado" editado pela Clássica Publicações.

Começamos esta apresentação dando-vos conta da extinção das línguas e dialetos, passando depois à vitalidade da escrita açoriana exemplificada pelos livros que recentemente tive o privilégio de traduzir para inglês, para os mercados da Norte América.

Deixem-me pois concluir que as línguas têm de ser mantidas, tratadas e estimadas. Elas não dividem países, a intolerância sim. Muitos de nós ignoramos a perda diária de dialetos e línguas e nem sequer sentem a sua falta, outros há que acreditam que a pluriexistência de línguas é uma praga que assola a humanidade desde os tempos da Torre de Babel, que nem vez de ajudar a comunicar apenas serve para confundir pela sua diversidade. Felizmente há já muitos clamores alegando que a extinção das é uma ameaça à espécie humana, e que, tal como a diversidade biológica é vital para a saúde da Terra, também vitais são a diversidades intelectuais e culturais. Isto é cada vez menos falacioso devido à globalização desenfreada

A sobrevivência dos idiomas neste século depende de todos nós³⁷, pelo que devemos aproveitar as novas tecnologias neste mundo de ondas hertzianas sem fronteiras onde a tirania dos governos não penetra. Usemos pois a internet para proteger e recriar as nossas línguas e culturas antes que elas se extingam.

*"A tradução é hoje essencial para reconhecer uma Nova Europa de 27 países, e dezenas de línguas pondo-nos em contacto direto e instantâneo com diferentes culturas de vários países"*³⁸. Possam eles também descobrir esta nossa rica cultura açoriana.

ANEXO I

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS

LITERATURA E CULTURA AÇORIANAS 2001/2002

INTRODUÇÃO

A disciplina tem como objetivo fundamental proporcionar um conhecimento sistemático da Literatura Açoriana, procedendo a um estudo mais aprofundado de algumas das suas obras de maior importância. Nestes termos, entende-se que a aprendizagem se deverá organizar numa perspetiva diacrónica, em que a ordem cronológica se articule com uma componente de história literária, de modo a situar as obras individuais no seu contexto estético e social. Daí, a necessidade da descrição teórica, mesmo que não exaustiva, de alguns movimentos, períodos e estéticas literárias que possibilite o enquadramento da escrita açoriana e a compreensão do modo como esta deles se aproxima e os reelabora. Este aspeto torna-se tanto mais pertinente e lógico quanto se constata a inexistência de uma História da Literatura Açoriana, apesar de importantes abordagens parcelares como as de Pedro da Silveira, João de Melo, Eduíno de Jesus, Onésimo T. Almeida ou Assis Brasil, referenciadas na Bibliografia. De tudo isto resulta que o Programa de Literatura e Cultura Açorianas se organiza como um percurso com início no século XIX, por ser este o momento em que a introdução da tipografia e da imprensa nos Açores e o desenvolvimento da instrução pública, entre outros fatores de natureza histórica e cultural, começam a proporcionar os meios para a formação de um subsistema literário, cuja visibilidade se torna, aos olhos do estudioso, (mais) manifesta exatamente a partir dessa altura. Os alunos terão à disposição um Dossier de textos que, além de colmatarem algumas lacunas bibliográficas, servirão de base às Aulas Práticas. Serão objeto de estudo particular as narrativas Mau *Tempo no Canal*, *Gente Feliz com Lágrimas* e *Terra de Lídia*, pelo que se torna obrigatório o seu conhecimento prévio. A avaliação de conhecimentos rege-se pelas disposições que, em particular, constam do Regulamento de Atividades Académicas, que prevê no seu Art.º 5 as modalidades de avaliação contínua e periódica, especificadas nos dois artigos seguintes. No caso de opção pela avaliação periódica em Literatura e Cultura Açorianas, aos dois elementos de avaliação previstos acresce a realização de um trabalho escrito individual, de dimensões, tipologia e tema a definir em cada ano, com o apoio e orientação do docente, podendo os alunos escolher o autor dentre os que constam da Bibliografia ou optar por outro do seu interesse. Este trabalho será apresentado e discutido no decurso das aulas e poderá, eventualmente, substituir a segunda frequência.

PROGRAMA

³⁷ <http://www.why.org/91FM/radiotimes.html> The work of David Harrison and Gregory Anderson is the subject of a new film which was screened at Sundance, "The Linguist." The film tells the story of their travels and research around the globe to document endangered languages. Both are affiliated with the "Living Tongues Institute for Endangered Languages."

³⁸ Palazón, Reina, co-vencedor do Prémio Nacional de Tradução de Espanha no ano 2000, pelo seu trabalho com as Obras Completas de Paul Celan, traduzidas do Alemão para o Castelhanu.

O conceito de Açorianidade
 De Nemésio (a geografia e a história) a Eduardo Lourenço (os séculos, a distância, os homens).
 Limites e polivalência do conceito.
 A Literatura Açoriana
 Uma panorâmica histórica.
 Do Séc. XIX para o Séc. XX
 Entre o Parnasianismo e o Simbolismo.
 Garcia Monteiro e Roberto de Mesquita: da “ironia alegre” à “solidão atlântica” (V. Nemésio) ou da “açorianidade solar” (Carlos Jorge Pereira) ao “spleen florentino”. O intertexto anterior em *Almas Cativas*.
 Os «contistas da Horta».
 Rodrigo Guerra, Florêncio Terra, Nunes da Rosa.
 A poetização do mundo (rural) *versus* a representação da sua violência.
 Impressionismo descritivo *versus* narração.
 A ficcionalização multifacetada do mundo açoriano.
 De Armando Côrtes-Rodrigues a Pedro da Silveira
 A deriva estética e ideológica de A.C.R.: entre o *Orpheu* e o “franciscanismo campestre” (F. Pessoa).
 O rasto do neorealismo (Dias de Melo).
 Uma releitura dos modernismos portugueses e cabo-verdiano.
 Poesia e história.
 Vitorino Nemésio narrador e poeta
 5.1 Mau Tempo no Canal.
 “Romance resumo da minha experiência de vida” (Vitorino Nemésio).
 5.1 Mau Tempo no Canal.
 “Romance resumo da minha experiência de vida” (Vitorino Nemésio).
 5.1.1 A intriga e a “moldura” síntese da açorianidade: informação histórica e científica; a vivência do tempo; espaço físico e social; cultura erudita e cultura popular.
 Narrador e personagem central. Uma visão do mundo.
 Recursos discursivos.
 Escrever é reler.
 “Mundo abreviado” e destino humano (trágico).
 A simbólica de Mau Tempo no Canal.
 A Poesia de Vitorino Nemésio.
 5.2.1 Uma “voz” que se busca no decurso do Tempo, nele se molda e se (des)faz em palavras: de *La Voyelle Promise* (1935) a *Sapateia Açoriana* (1976).
 Rítmicos e registos; fluência e contenção.
 Experimentação verbal. Recontextualização (lítica) do léxico científico.
 Citação e ironia.
 Metapoesia e (auto)questionamento depreciativo.
 A metaforização do ato poético e da poesia: canto, concha, casa.
 A construção do Sujeito Poético: o “bicho harmonioso” no seu “buraco vil”.
 “Ilha ao Longe”: distância e rememoração.
 O “ovo” como génese, proteção e renovação.
 Partida e regresso(s).
 Passado e presente: da infância/inocência (na ilha) perdida à consciência do pecado. A culpa e o perdão (pedido).
Olhares sobre a atualidade
 Viagem, iniciação e aprendizagem do mundo. Errância e permanência.
 A emigração: imagens e “miragens de América”.
 Rumores de guerra.
 Reescrever a história e o seu texto. O diálogo intertextual.
 A sátira e a paródia (ainda e sempre).

BIBLIOGRAFIA

1. Textos de Teoria e Crítica

- AAVV, *Vitorino Nemésio – Vinte Anos depois* (Atas do Colóquio Internacional de Estudos Nemesianos, 1998), Lisboa e Ponta Delgada, Ed. Cosmos e Seminário Internacional de Estudos Nemesianos, 1998.
 ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra, Secretaria Regional da Educação e Cultura (SREC), 1983.
 ———, *Da Literatura Açoriana* (Org. e Introd. De...), Angra, SREC, 1986.
 ———, *Açores, Açorianos, Açorianidade*, Ponta Delgada, Signo, 1989.
 BATISTA, Adelaide, *João de Melo e a Literatura Açoriana*, Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1993.
 BETTENCOURT, Urbano, *O Gosto das Palavras III*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1999.
 BRASIL, Luís António de Assis, “A Narrativa Açoriana pós-Vinte e Cinco de abril”, in *Organon*, Vol. 8, n.º 21, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994, pp. 71-79.
 FERREIRA, Manuel, *O Segredo das «Almas Cativas»*, Ed. da Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores, [D.L. 1991].
 FREITAS, Vamberto, *O Imaginário dos Escritores Açorianos*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1992.
 ———, *Mar Cavado. Da Literatura Açoriana e de Outras Narrativas*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1998.
 ———, *A Ilha em Frente – Textos do Cerco e da Fuga*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1999, especialmente as páginas 15-40.
 GARCIA, José Martins, *Para uma Literatura Açoriana*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987.
 ———, *Exercício da Crítica*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1995.
 GOUVEIA, Maria Margarida, Maia, *Vitorino Nemésio. Estudo e Antologia*, Lisboa, ICALP/MEC, 1986.
 JESUS, Eduíno de, “Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade”, in *Estrada Larga*, vol. 3, Porto Editora, [s/d], pp. 425-430. O artigo termina referenciando livros de finais dos anos 50.
 LOURENÇO, Eduardo, “Da Autonomia como Questão Cultural”, in *A Autonomia como Fenómeno Cultural e Político*, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1988, pp. 51-62.
 ———, “O novo espaço lusófono ou os imaginários lusófonos”, in *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva, 1999, pp. 183-192.
 MELO, João de, *Toda e Qualquer Escrita*, Lisboa, Vega, 1992.
 ———, “A produção literária açoriana nos últimos dez anos (1968-1978)”, Sep. de Colóquio/Letras, n.º 50, Lisboa, Fundação Gulbenkian, julho/1979.

NEMÉSIO, Vitorino, "Açorianidade" in *Insula*, n.º 7-8, Ponta Delgada, julho, 1932.
 ———, "O Açoriano e os Açores", in *Sob os Signos de Agora*, 2.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional, 1995.
 ———, "Açores: De onde sopram os ventos", in *Açores. Atualidade e Destinos*, Angra, Ed. Atlântida, 1975.
 PIRES, António M. B. Machado, *Raul Brandão e Vitorino Nemésio*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1988.
 ———, *Vitorino Nemésio – Rouxinol e Mocho*, Praia da Vitória, Câmara Municipal, 1998.
 RIBEIRO, Luís da Silva, *Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade*, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1964.
 SILVA, Heraldo Gregório da, *Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio*, Angra, SREC, 1985.
 SILVEIRA, Pedro da, "O conto açoriano e os seus caminhos", in *Estrada Larga*, vol. 1, Porto Editora, [s/d], pp. 545-547.
 ———, "Açores", in João José Cochofel, *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, Iniciativas Editoriais, 1977, pp. 35-46.
 TRIGO, Salvato e ROSA, Victor M. Pereira da, "Da Insularidade à Açorianidade: Algumas Reflexões", in *Arquipélago/Ciências Sociais*, n.º 2, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987, pp. 187-201.

2. Antologias

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *The Sea Within*, Providence, Gávea-Brown, 1983.
 BOTELHO, Emanuel Jorge, *Sempre disse tais coisas esperando na vulcanologia – 12 poetas dos Açores*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1984.
 MELO, João de, *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, Lisboa, Vega, 1978.
 PINTO, Eduardo Bettencourt, *Os Nove Rumores do Mar – Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea*, 3.ª ed., Lisboa, Instituto Camões, 2000.
 SILVEIRA, Pedro da, *Antologia de Poesia Açoriana – Séc. XVIII a 1975*, Lisboa, Sá da Costa, 1977.

3. Autores

3.1 Poesia

BARROS, J.H. Santos, *S. Mateus, outros lugares e nomes*, Lisboa, Vega, 1981.
 BOTELHO, Emanuel Jorge, *Mas o Território não é o Mapa*, Angra, SREC, 1981.
 CANDEIAS, Marcolino, *Na Distância deste Tempo*, Angra, SREC, 1984.
 CORREIA, Natália, *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias, I, II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993.
 CÔRTEZ-RODRIGUES, Armando, *Antologia de Poemas*, 2.ª ed., Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1989.
 COSTA, Vasco Pereira da, *Ilíada*, Angra, SREC, 1981.
 FÉLIX, Emanuel, *A Viagem Possível*, 2.ª ed., Lisboa, Vega, 1993.
 FÉRIN, Madalena, *A Cidade Vegetal*, Angra, SREC, 1987.
 FIRMINO, Almeida, *Narcole*, Angra, SREC, 1982.
 GARCIA, José Martins, *Temporal*, Providence, Gávea-Brown, 1986.
 MARTINS, J. H. Borges, *Nas barbas de deus*, Lisboa, Salamandra, 1999.
 MEDEIROS, João Teixeira de, *Do Tempo e de Mim*, Providence, Gávea-Brown, 1982.
 MESQUITA, Roberto de, *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, Ed. Ática, 1973.
 MONTEIRO, Garcia, *Rimas de Ironia Alegre – antologia*, (Org. e Int. de Carlos Jorge Pereira), Col. Brevíssima, Lisboa e Porto, Liv. Civilização e Contexto Ed., 1997.
 NEMÉSIO, Vitorino, *Poesia I, II*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1989.
 OLIVEIRA, Álamo, *Impressões de Boca*, Angra, SREC, 1992.
 PINTO, Eduardo Bettencourt, *Menina da Água*, Ponta Delgada, Editorial Éter, 1997.
 QUENTAL, Antero de, *Sonetos*, 5.ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1976.
 RODRIGUES, Rui Duarte, *Com Segredos e Silêncios*, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1994.
 SILVEIRA, Pedro da, *Fui ao Mar Buscar Laranjas*, Angra, Direção Regional da Cultura, 1999.

3.2 Narrativa

AGUIAR, Cristóvão de, *Raiz Comovida – A Semente e a Seiva*, Coimbra, Centelha, 1978.
 AIRES, Fernando, *Memórias da Cidade Cercada*, Lisboa, ed. Salamandra, 1995.
 ALMEIDA, Onésimo Teotónio, «*Sapateia Americana*», Lisboa, Vega, 1983.
 BORGES, Maria de Fátima, *A Cor Cíclame e os Desertos*, Lisboa, Cotovia, 1989.
 COSTA, Vasco Pereira da, *Plantador de Palavras Vendedor de Lérias*, Coimbra, Câmara Municipal, 1984.
 GARCIA, José Martins, *Memória da Terra*, Lisboa, Vega, 1990.
 GUERRA, Rodrigo, *A Americana*, Angra, SREC, 1980.
 MELO, Dias de, *Pedras Negras*, 2.ª ed., Lisboa, Vega, 1985.
 MELO, João de, *Gente Feliz com Lágrimas*, Lisboa, Publ. D. Quixote, 1988.
 NEMÉSIO, Vitorino, *Mau Tempo no Canal*, 7.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional, 1994.
 OLIVEIRA, Álamo, *Com Perfume e com Veneno*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1997.
 ORRICO, Maria, *Terra de Lídia*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1994.
 ROSA, Nunes da, *Gente das Ilhas*, 2.ª ed., Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1978.
 SÁ, Daniel de, *Ilha Grande Fechada*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1992.
 TERRA, Florêncio, *Contos e Narrativas*, 2.ª ed., New Bedford, Promotora Portuguesa, 1981.
 VAZ, Katherine, *Saudade*, Lisboa, Asa, 1999.

Ponta Delgada, 15 de setembro de 2001
 O docente,
 Manuel Urbano Bettencourt Machado

ANEXO II

Autobiografia de Daniel de Sá

Daniel Augusto Raposo **de Sá** nasceu na Maia, S. Miguel, Açores, a 02/03/1944 e reside na Maia

(Autorretrato e bibliografia)

Na galeria da fama dos maus romances, há um que começa mais ou menos desta maneira: "Era uma noite escura e tempestuosa". Estava assim aquela em que nasci, quando o apocalipse da guerra contava já os seus últimos milhões de mortos, e o petróleo ia substituindo o azeite de gata, que dava mais cheiro que luz. Nesse dia, quadragésimo nono

aniversário do decreto da autonomia de Hintze Ribeiro - João Franco - D. Carlos, os aliados continuavam a cercar o mosteiro de Monte Cassino, e Pio XII completava sessenta e oito anos de vida e cinco de Papa.

Mas logo aos dois anos tive de deixar a Maia e os meus bozinhos de carrilho, porque meu pai fora, como muitos mais, procurar a imitação do "Eldorado" no aeroporto de Santa Maria, e nos fizera carta de chamada, pois as ilhas estavam então separadas por alfândega e outras dificuldades, como estados independentes. Começava a cumprir-se o fado de uma família de emigrantes, que haveria de esboroar-se toda, nessa e nas décadas seguintes, por este mundo de Deus e de legítimas ambições humanas.

Dos primeiros tempos na ilha-mãe, feita de pedra e cal, recordo vagamente os meus caracóis louros e compridos, um coelhinho de latão que fora broche e se tornou no meu brinquedo preferido e quase único, o encanto indizível de um "Dakota" de plástico que o Menino Jesus me deu, creio eu, por um Natal em que cheguei à chaminé ainda a tempo de o ver fugir, e uns versos com que me estreei na poesia, cantando para a vizinha da frente segundo as normas de rima que meu pai me ensinara na véspera.

Fui crescendo com essa cisma na cabeça, e cheguei a passar horas em desafios renhidos de redondilha maior com o Firmino, meu colega de quarta classe na escola de Santana, onde a boa da professora tinha de aturar mais de três dezenas de rapazes e raparigas, desde os que andavam na bê-á-bá até aos que papagueavam significados, rios, reis, serras e linhas férreas, entremendo a sua exausta paciência com um "calem-se" para nós os dois, sem que ela sonhasse o que dizíamos e como o dizíamos, a voz contida.

É de pouco depois o meu primeiro romance falhado, uma aventura de índios e "cowboys" que acabou quando o assalto a um rancho coincidiu com a minha falta de paciência ou de inspiração para o resto.

Mas o melhor eram os relatos de futebol ouvidos e discutidos no Clube Asas do Atlântico e, sublimidade de quantas sensações havia na nossa infância, as "matinés" do Atlântico Cine, onde se arranjava quase sempre um lugarzinho, mesmo que não se tivesse o dinheiro para o bilhete, porque o Senhor Cardoso abria a porta à fila da nossa gula impaciente quando percebia que, a respeito de entradas pagas, estava tudo conversado.

Mas em fins de 1958 aconteceu o primeiro grande desgosto da minha vida: o bondoso padre Artur perdeu-se no naufrágio do "Arnel"; e, poucos meses depois, meu pai morreu. O tempo começou então a passar muito depressa. O quinto ano feito no Externato da Ribeira Grande e o curso do Magistério Primário foram uns instantes e dei por mim, de repente, professor nos Fenais da Ajuda. Andei por lá quatro anos, e comecei a escrever para o jornal do saudoso Cícero de Medeiros, com um pseudónimo que eu imaginara muito antes e que, feito do meu verdadeiro nome e de uma das designações daquela freguesia, por interessante coincidência se justificava plenamente: Augusto de Vera Cruz. Cumpri depois esse dever absurdo de aprender a guerra, nas Caldas da Rainha a recrutar e a especialidade em Tavira, mas escapei à imposição de exercer na prática os conhecimentos adquiridos, porque passei o resto do serviço militar no batalhão dos Arrifes. Depois de mais um ano como professor, desta vez na Maia, cumpri a seguir o meu roteiro de nómada, entrando para a congregação missionária dos Combonianos, e por lá estive, quase três anos em Valência e alguns meses em Granada. Aprendi a ignorância de filósofos e teólogos e criei o vício físico da sesta, de que adoei sem remédio.

E aqui estou, definitivamente disposto a ser rural e sedentário, que Deus, afinal, está em toda a parte e o Mundo inteiro vem cá ter com a gente.

Entretanto, casei: faltavam vinte e cinco dias não sonhados para que se cumprisse a plenitude de abril. Pai de três filhos que vão crescendo e de seis livros maneirinhos, sinto que me saí melhor (talvez por serem uma obra a dois) com aqueles do que com estes, mas ainda não perdi a esperança de ser tão feliz por uns como pelos outros.

Tenho pena de não ter nascido a tempo de escrever o "Estrangeiro" ou "As Vinhas da Ira", de compor o "Messias" ou a "Sagração da primavera", de pintar "A Peregrinação de Santo Isidro", ou de esculpir "Os Burgueses de Calais", de formular a teoria da Relatividade ou de descobrir a penicilina, de erguer o Taj Mahal, de criar o poema "Tabacaria" ou, ao menos, de inventar a maionese.

Meteram-me na política, onde tenho sido de tudo um pouco, menos membro do governo regional, porque, além de outras razões evidentes, de certeza não serviria para isso.

Sou de uma curiosidade sempre insatisfeita, e teria estado disposto, se tal fosse possível, a ficar olhando, durante milhões de anos, a criação do Universo, só para saber como foi. Trocaria todas as palavras que até hoje disse, e que os amigos aplaudiram, para pensar por momentos, sem esquecer depois, com o cérebro do primeiro homem que foi capaz de pensar.

Não sei se posso dizer que sou puro, como os justos do antigo Egito no julgamento de Osíris. Sei que não queimei o templo de Diana nem ordenei nenhum campo de concentração. Posso invocar uns quantos ñãos de bondade, mas faltam-me os sins seguros da justiça positiva.

Todavia, a catedral da Literatura existe, com os seus demónios e os seus santos para todas as devoções. E, com tantos livros para ler, há quem gaste o seu tempo e o seu talento a discutir-lhes a forma, a escola ou a literatura menor a que pertençam. No entanto, cada vez que eu entro, por exemplo, na igreja do mosteiro da Batalha, ajoelho-me primeiro porque aquele templo foi feito para louvarmos a Deus e não o estilo ou os homens que o construíram. E se, culturalmente, sou apátrida, no mais permaneço ilhéu e português, aceitando a fatalidade do destino com que nasci como se eu mesmo fosse o responsável por ele.

(Este texto foi escrito em 1992. Entretanto, os filhos cresceram em idade e inteligência e os livros em número e tamanho. Atualmente (1998), são os que a seguir se diz.)

OBRAS:

Génese (novela), edição da D.R.A.C. da Secretaria Regional de Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1982: Durante a Guerra Civil espanhola, Don Francisco Calvera Ten, um padre da província de Valência, teme os Republicanos e não gosta dos Nacionalistas. E deu-lhe em duvidar do próprio Deus

Sobre a Verdade das Coisas (crónicas-contos), edição da Junta de Freguesia da Maia, 1985: A vida rural de S. Miguel. A ficção ao serviço da realidade, a realidade ao serviço da ficção. Mas onde o real é bem mais forte do que o imaginário.

O Espólio (novela), edição Signo, Ponta Delgada, 1987: Se uma ilha dos Açores sofresse um ataque nuclear, que poderia resultar daí para a felicidade ou infelicidade do Mundo? Talvez nada mais do que o Prémio Pulitzer para a melhor reportagem sobre a tragédia.

A Longa Espera (contos), edição Signo, Ponta Delgada, 1987: E se o Natal fosse um homem vindo de longe, de onde os rios correm sempre, para se sentar diante de uma fonte seca, num sacrifício de implorar a chuva aos Céus e até à sua própria morte? E se o Natal fosse e não fosse o resto?

Bartolomeu (teatro), edição da D.R.A.C. da Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1988: Um dos maiores navegadores portugueses de todos os tempos julga-se com direito de ir à Índia. Razões de Estado tiram-

lhe esse privilégio em favor de Vasco da Gama, um capitão intransigente. O drama de Bartolomeu Dias, que o não mereceu.

Um Deus à Beira da Loucura (novela), edição da D.R.A.C. da Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1990: Se Cristo reencarnasse e fosse condenado a um campo de concentração nazi, resistiria melhor do que um prisioneiro ateu?

Ilha Grande Fechada (romance), edição Salamandra, Lisboa, 1992: João peregrina à volta da ilha no cumprimento de uma promessa e na despedida da sua terra antes de emigrar para o Canadá. E acaba por compreender que "sair da ilha é a pior maneira de ficar nela".

A Criação do Tempo, do Bem e do Mal (ensaio), edição Salamandra, Lisboa, 1993: Uma visão agnóstica do Tempo. A justificação do Bem e do Mal, numa perspectiva teísta. Algumas questões mais difíceis da Doutrina e da Moral católicas, segundo a opinião de quem acredita em Cristo e na Sua Igreja, dita Universal, Apostólica e Romana, sem ter a certeza de que Ela seja infalível.

Crónica do Despovoamento das Ilhas (e Outras Cartas de El-Rei) (crónicas históricas), edição Salamandra, Lisboa, 1995: A vida nos primeiros tempos de haver gente nos Açores, ouvida dos velhos cronistas e contada com a ironia da ignorância e da suposta superioridade de ser homem do século XX.

E Deus Teve Medo de Ser Homem (novela), edição Salamandra, Lisboa, 1997: Vinte séculos de humanidade não ensinaram ao Homem a ser humano. O lobo de si mesmo continua tão perverso como os crucificadores romanos.

As Duas Cruzes do Império – Memórias da Inquisição (romance), edição Salamandra, Lisboa, 1999: O absurdo da Inquisição foi praticar o mal em nome de Deus. O paradoxo do nosso século tem sido destruir milhões de homens e mulheres em nome da Humanidade.

Contos do autor:

- [Um trovador na corte de D. Sancho](#)
- [Dueto a uma só voz](#)

Outras páginas sobre o autor:

- [Recensão sobre a obra *E Deus Teve Medo de Ser Homem*](#)
- [Malino: Homenagem a Miguel Torga](#)
- [Dois sonetos sobre Natália Correia](#)